

JOSÉ ROBERTO DO AMARAL LAPA

OS EXCLUÍDOS

**CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DA POBREZA NO BRASIL
(1850-1930)**

**EDITOR A
UNICAMP**

edusp

Sumário

Apresentação	9
Introdução	15
Os miseráveis	23
A administração da pobreza	45
A criança pobre	95
O mercado urbano de escravos	139
O cotidiano do escravo na cidade	189
Retrato falado (O escravo e seu corpo)	207
Bibliografia	235

Apresentação*

Campinas é uma cidade que, desde muito cedo, possuiu um conjunto de estudiosos voltados para sua história que revelou, além de um sincero desejo de desvendar os caminhos de sua formação e desenvolvimento, também uma inegável paixão por seu torrão natal. Fossem eles campineiros de nascimento ou por adoção, devido a esse amor irrestrito pela cidade que os viu nascer ou que os acolheu, durante muito tempo foram incapazes de escolher, como tema de estudo, os aspectos negativos da vida urbana campineira.

Eram historiadores leigos, muitos deles jornalistas de profissão ou mesmo profissionais liberais que se interessavam pelo fazer histórico, que prestaram um inegável serviço à cidade e aos pesquisadores atuais ao levantar e registrar dados sobre a vida passada da urbe que, de outra forma, certamente se teriam perdido. Mas, em sua grande maioria, estavam também interessados em fazer a apologia da cidade, que crescia e se desenvolvia, a partir da segunda metade do XIX, competindo mesmo com a capital do estado.

* Para a elaboração desta Apresentação, além do privilégio da convivência cotidiana, por mais de uma década, com o mestre Lapa, no Centro de Memória da UNICAMP, muito contribuíram as informações dos bolsistas de aperfeiçoamento e de iniciação científica, que gentilmente gravaram um depoimento conjunto para o Laboratório de História Oral do Centro de Memória, no dia 7/7/2006: Eliana Camargo Correia, Alexandre Zarias e Gustavo Henrique Tuna, a quem agradeço a inestimável colaboração.

José Roberto do Amaral Lapa, campineiro de velha cepa, pois descendente de família tradicional da cidade, não só foi profundo conhecedor da obra desses historiadores da velha guarda, como também conviveu com alguns deles, seja na intensa atuação que teve no Centro de Ciências, Letras e Artes ou na participação do cotidiano das redações de jornais da cidade, na época da juventude ou mesmo em outros espaços de convívio da intelectualidade local. Ele não só os respeitava, como reconhecia seu papel de pioneiros na elaboração do conhecimento histórico sobre a cidade.

Tendo realizado sua formação científica em história e em direito na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Amaral Lapa complementou essa trajetória formativa com um doutorado em história, defendido na UNESP, *campus* de Marília, onde ele então atuava, mas realizado sob a orientação do grande catedrático em história do Brasil da USP, o mestre Sérgio Buarque de Holanda.

Dedicou-se, durante sua longa carreira de pesquisador, a temas e problemas de pesquisa que faziam explodir os limites de sua amada cidade. Assim, desenvolveu projetos que exigiam cuidadoso trabalho investigativo, seja em arquivos portugueses, como os da Torre do Tombo, seja em instituições-memória do Rio de Janeiro, construindo uma sólida carreira de pesquisador que abrangia desde temas do período colonial brasileiro, focalizados na Bahia ou no Grão-Pará, ou ainda enfocando a economia cafeeira durante o século XIX.

Foi só a partir da década de 1980 que o intelectual, já experimentado e reconhecido nacional e internacionalmente, se deu o direito de voltar aos instrumentos teórico-metodológicos que bem dominava, para esmiuçar e penetrar a realidade campineira, produzindo um conjunto de duas obras que reputo fundamentais para qualquer pesquisador ou estudioso que deseje compreender a realidade histórica e sociocultural de Campinas e região.

Pensada, de início, como uma pesquisa que geraria uma única obra, que seria de cunho fundamental para o conhecimento da realidade de Campinas no período escravocrata, Amaral Lapa, entretanto, logo se deu conta de que seu desejo de estudar a escravidão urbana e a pobreza livre no meio urbano campineiro exigiria um cuidadoso levantamento de dados primários, até então não realizado nos arquivos, ainda pouco organizados da cidade. Constituiu uma equipe de jovens pesquisadores e, ao colocar mãos à obra, percebeu que, “[...] para estudar estas categorias sociais, esse segmentos, eu tenho de evidentemente de estudar a cidade, onde eu vou agitar esses personagens históricos”.¹ Percebeu ele também que a enorme quantidade de dados que iam sendo levantados e analisados resultaria numa produção impossível de ser publicada em um único volume. Decidiu então bipartir-la, construindo primeiro o cenário histórico sociológico, que permitiria entender a vida na cidade oitocentista (o que realizou na obra de 1996, já há muito esgotada, publicada pela EDUSP com o título *A cidade: os cantos e os antros*), para, em seguida, estudar a vida e a luta dos excluídos na sociedade escravocrata de então, objeto do livro que ora apresento.

1 Depoimento gravado no Museu da Imagem e do Som em 20/8/1985 e publicado em Olga R. de Moraes von Simson (org.), *O garimpeiro dos cantos e antros de Campinas*. Campinas: CMU, IFCH, 2000, pp. 17, 18, 61.

Mas, ao fazê-lo, embora o sentimento de amor a Campinas estivesse presente durante todo o tempo, a preocupação com o caráter científico desse esforço de pesquisa, que nada tinha de apologético, domina-o, fazendo-o afirmar no mesmo depoimento concedido ao Museu da Imagem e do Som de Campinas, em agosto de 1985:

[...] houve uma primeira fase em que eu me voltei muito para a história econômica do período colonial, depois, o que eu consideraria uma segunda fase, em que procurei estudar o século XIX, em termos de sociedade e historiografia brasileiras, isto é, eu considero como historiografia o processo, a análise crítica do processo de produção do conhecimento histórico [...]. E eu estou vivendo agora uma terceira fase, na qual a história de Campinas ocupa um espaço cada vez maior e eu me sinto cada vez mais, eu diria até seduzido, pela história de Campinas, não só no sentido de uma preservação, de uma utilização o mais eficiente possível das fontes primárias, como também no sentido de transformar essas fontes primárias em conhecimento que possa contribuir, de alguma maneira, para a história da realidade de Campinas e da região, isto é, o que ela significa como uma realidade que pode ser representativa sob o ponto de vista histórico.

Mais adiante ele reconhece a profundidade desse envolvimento, ao relatar:

Hoje, eu me sinto engolfado completamente pela história de Campinas, acho que de uma maneira quase sentimental, eu diria que me foi dado, a esta altura da vida, uma oportunidade de eu, de alguma maneira, retribuir a Campinas o que eu devo a ela, ao nível de formação, de carreira, de obra intelectual [...]. Então, é algo mais que o simples interesse de historiador, um simples interesse ligado a uma carreira universitária, um simples interesse de utilizar tudo aquilo que a UNICAMP pode oferecer, nesse sentido, para fazer um trabalho, quer dizer, é algo mais que tudo isso, é uma empatia também.

O professor Amaral Lapa, para desenvolver esse projeto de pesquisa em equipe sobre a realidade histórico-social campineira, selecionou alunos da UNICAMP, que, na condição de bolsistas de iniciação científica ou de aperfeiçoamento, muito contribuíram para a produção do conhecimento sobre a cidade. Mas ele tinha também alguns objetivos muito mais amplos, que envolviam a formação de novos talentos para o exercício do fazer histórico, através de diversas táticas e estratégias muito bem desenvolvidas pelo experimentado mestre.

Assim, ele se preocupou em desenvolver nesses jovens a disciplina necessária ao trabalho intelectual, fazendo-os participar conscientemente de todas as fases do processo de pesquisa. Fazia com que comesçassem pelas tarefas mais simples, que ele trazia descritas em linguagem informal e carinhosa em bilhetinhos datilografados, os quais iam sendo distribuídos entre os membros da equipe, sempre acompanhados de cuidadosa explicação. Uma cópia do bilhete ficava devidamente arquivada, permitindo, assim, ao mestre saber o que cobrar de quem, na seguinte reunião quinzenal.

Nessas reuniões periódicas, Lapa dividia com seu grupo de bolsistas todas as descobertas e conquistas que a pesquisa ia fazendo, apontando os *insights* que havia tido e mostrando quais os pontos que ainda necessitavam de uma comprovação mais con-